IMPORTÂNCIA DE UMA PRÁTICA CONTEXTUALIZADA NA ALFABETIZAÇÃO

MARLUCE BORGES DE BRITO

RESUMO:

Este presente trabalho propõe discutir a Importância de uma prática contextualizada na alfabetização através da perspectiva de atividades pedagógicas dos profissionais de educação fundamentadas em três pilares: conhecer, explorar e praticar as concepções, teorias e métodos de aprendizagem. Neste contexto, faz-se necessário um estudo preliminar sobre o significado de alfabetização com foco no processo histórico deste ensino no Brasil, assim como o surgimento do conceito de letramento. Enfim, nosso propósito é demonstrar como a prática contextualizada pode beneficiar processo ensino/aprendizagem, com o propósito realmente significativo. Evidentemente, no que diz respeito à cultura, a linguagem, as formas de comunicação humanas e ao regime de signos que rege esta comunicação.

Palavras-chave: Alfabetização; Contextualização; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT:

This present work proposes to discuss the Importance of a contextualized practice in literacy through the perspective of pedagogical activities of education professionals based on three pillars: knowing, exploring and practicing concepts, theories and learning methods. In this context, a preliminary study on the meaning of literacy is necessary, focusing on the historical process of this teaching in Brazil, as well as the emergence of the concept of literacy. Ultimately, our purpose is to demonstrate how contextualized practice can benefit the teaching/learning process, with a truly meaningful purpose. Evidently, with regard to culture, language, forms of human communication and the regime of signs that govern this communication.

Keywords: Literacy; Contextualization; Pedagogical Practices.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo com o tema Importância de uma prática contextualizada na alfabetização envolve a perspectiva de atividades pedagógicas dos profissionais de educação fundamentadas em três pilares: conhecer, explorar e praticar as concepções, teorias e métodos de aprendizagem, observados durante atuação como supervisora de ensino. Nesse período, verificou-se melhoria de desempenho e interesse dos alunos quando ocorre o entendimento de como relacionar os estudos com a vida cotidiana.

Ao entrar na pré-escola a criança aprende de forma lúdica, brinca, canta, dança e faz a rotina escolar ser atraente, portanto, na alfabetização inicial, o educando chega com muitas perguntas e com "sede" de aprender. Nota-se a importância de responder os questionamentos para que o tempo não desestimule essa curiosidade infantil. No entanto, a rotina alegre e atraente da pré-escola muda ao entrar na alfabetização, normalmente, neste período a escola se torna cansativa desinteressante com métodos arcaicos de alfabetização ocorrendo o desinteresse do aluno.

A didática na sala de aula deve ser baseada em teorias e práticas que norteiam o educando, por isso deve-se compreender e conhecer o aluno e a partir disto atuar com os fundamentos necessários para a melhoria desta aprendizagem. Estimular este aluno através da realidade em que ele está inserido, utilizando a sua experiência de vida faz com que o conhecimento seja atraente e um agente facilitador da aprendizagem.

Devido às dificuldades de alguns profissionais em compreender o que é uma aula contextualizada, como ministrar e onde encontrar exemplos desta didática de ensino, esta pesquisa se justifica ao demonstrar, esclarecer e reunir estas práticas, seguindo paradigmas teóricos da pedagoga especialista em Alfabetização Magda Soares, do Educador Paulo Freire e do Psicólogo Lev Vygotsky. A elaboração deste trabalho foi desenvolvida em caráter exploratório e explicativo, utilizando procedimentos qualitativos. Nesse contexto a pesquisa cientifica fez necessária para esclarecer e trazer à tona a importância da contextualização.

Finalmente, o leitor encontrará neste texto acadêmico, em primeiro lugar, as teorias, concepções e métodos de aprendizagem os quais são possíveis compreender, auxiliar e perceber que a contextualização no processo de alfabetização é importante. Assim sendo, é relevante refletir que a prática contextualizada facilita o processo ensino aprendizagem, com o propósito realmente significativo tendo em vista à cultura, a linguagem, as formas de comunicação humanas entre outras.

2. MÉTODOS DA ALFABETIZAÇÃO

Esse estudo explicitou o que é alfabetização e Letramento e o decorrer de sua história no Brasil com a linha do tempo do ensino da alfabetização. Após este contex-

to para melhorar a compreensão do que é e como é uma prática contextualizada de ensino, precisa-se falar antes dos métodos e das práticas de ensino da alfabetização no Brasil. Método é a forma que o professor conduz a sua aula, a maneira que ele ensina. Segundo Correa e Salch (2007, p10):

"A palavra método tem sua origem no grego métodos e diz respeito a caminho para chegar a um objetivo. Num sentido mais geral, refere-se a modo de agir, maneira de proceder, meio; em sentido mais específico, refere-se a planejamento de uma série de operações que se devem efetivar, prevendo inclusive erros estáveis, para se chegar a determinado fim."

Por sabermos que a criança tem a sua singularidade e individualidade sabemos que não existe uma fórmula pronta para aprendizagem e um método certo ou errado e sim o método que é adequado para determinada criança, comunidade e turma. O professor conhece os métodos e pesquisa qual melhor se adapta a realidade do aluno/ turma, pois este aprofundamento do processo de ensino facilita a aprendizagem do educando. Segundo Soares 2019:

"... não se trata de um só método. São campos de conhecimento que o professor deve conhecer bem para saber como agir para transformar esse conhecimento em um objeto do qual o aluno possa se apropriar. "

• Método Sintético

Um dos métodos mais antigos e utilizados nas famosas cartilhas de alfabetização. O método sintético utiliza relação entre som e grafia, oral e escrito.

Um ensino inicia de uma parte para o todo. Pode-se dividir este método em: Alfabético, fônico e silábico. É um sistema progressivo e sequencial não inicia uma nova etapa sem ter aprendido totalmente a anterior. Neste contexto o letramento é utilizado em sons conhecidos pelo educando e as letras do alfabeto são relacionados com imagens conhecidas pela turma.

• Método Alfabético

Este método também conhecido como soletração. Método utilizando a memorização das letras do alfabeto. Este método normalmente não se utiliza a contextualização principalmente porque não levam em consideração as informações que o aprendiz traz de fora da escola. Porém é possível mesclar e associar o conceito de memorização das letras soletrando com palavra conhecidas. Exemplo: A de amor, B de bola e assim por diante.

• Método Fônico

A relação do som com a grafia é utilizada para ensinar. Inicia-se com os sons das vogais e depois sons e formas das consoantes. A etapa que vogais e consoantes que juntas formam silabas e palavras são ensinadas posteriormente e gradativamente. O aprendiz conhece as letras através dos sons e associa as palavras iniciadas com este som. O "problema ou defeito "deste método é o fato que a língua portuguesa possuí palavras com o mesmo som (fala), porém com grafias diferentes: aço e asso e isso dificulta a aprendizagem, utilizando somente esta forma de ensinar.

Este método pode e deve ser perfeitamente mesclado com outras teorias e métodos de alfabetização utilizando outros métodos para suprir as pequenas deficiências provenientes do tipo de som /grafia causam. Não é necessário desvinculá-lo ao letramento e muito menos a contextualização. Ensinar com o som das letras através dos signos e significados torna a aprendizagem mais significantes, portanto, contextualizada.

• Método Silábico

O tão conhecido ba, be, bi, bo, bu iniciando com as silabas, o sujeito aprende como se as palavras fossem formadas a partir das sílabas. Apropria- se do fato que para pronunciar as palavras nos pronunciamos através das sílabas e não soletrando as letras. Ensina-se as sílabas fáceis e depois as mais complexas. A partir do conhecimento memorizado das sílabas constrói frases e posteriormente textos.

• Método analítico

A ensinado através de frases. O sujeito compreende através do todo, entende o sentido das frases ou pequenos textos para aprender a escrever e a ler. O Método se divide em Palavração, Setenciação e Global ou Contos e historietas.

• Palavração

Inicia-se da palavra, acompanhada a uma imagem. Se constrói frases a partir da palavra como neste artigo fala-se de letramento e contextualização a palavra escolhida é uma palavra já conhecida pela turma de preferência uma palavra muito utilizada pelos alunos / grupo. Este foi o método utilizado por Paulo Freire a alfabetizar jovens e adultos.

• Setenciação

Este aprendizado é feito com uma frase/ sentença. Na contextualização uma frase criada pela turma, uma frase dentro da área de interesse e conhecimento do educando e esmiuçada palavra por palavra até chegar nas silabas.

• Global ou Contos e historietas

Neste método é construído textos junto e de interesse do educando. Um texto sequencial com início, meio e fim. Realça-se que o professor não deve se ater a nenhum método e sim conhecer os métodos e como o educando desenvolve o conhecimento Magda Soares (2019) afirma: "a questão não é qual método utilizar a questão é alfabetizar com método." O método Global coloca o professor como mediador da aprendizagem, visto que, ele enfatiza a importância do conhecimento que o professor deve ter sobre os métodos de ensino somado ao poder de decisão que o educador tem, ao escolher qual é melhor método utilizar conforme as características da turma/aluno.

2.1 CONHECIMENTO E A APRENDIZAGEM

Para ensinar e mediar o conhecimento, o professor deve estar a par de métodos e teorias de aprendizagem para escolher quais encaixam na realidade do aluno/ turma. Foi dito quais porque necessariamente será uma teoria utilizada na pratica, o estudo demonstra que as teorias foram evoluindo e não é preciso desassocia-las.

Pode-se observar três modalidades gerais na teoria de aprendizagem:

cognitiva, afetiva e psicomotora. A cognitiva é o processo de informações de estilos de comportamento. O conhecimento uma construção continua. O processo educacional se dá a partir de desenvolvimento e conhecimento. Na afetiva resulta de experiências e sinais internos como por exemplo ansiedade, nervoso e prazer, por fim, a psicomotora resposta muscular após capacitação e exercício.

As concepções de aprendizagem têm como objetivo entender ou explicar como desenvolve o aprendizado do ser humano. As concepções são:

Ambientalistas, Inatista e a Interacionista. A concepção ambientalista atribui o meio ambiente à formação do desenvolvimento do homem, o meio ambiente estimula o indivíduo a desenvolver. A Inatista ao contrário da Ambientalista, o ambiente deve interferir o menos possível no processo de envolvimento, para esta concepção o indivíduo já nasce com as características para se desenvolver: e para finalizar a última concepção é a Interacionista o indivíduo aprende devido a uma troca com meio ambiente em que vive e suas características intrínseca biológicas de cada um, o conhecimento ocorre ao longo de sua vida.

As três modalidades e as concepções de aprendizagem influenciaram teorias que serão citadas no decorrer deste estudo. Algumas destas teorias viraram prática nas escolas do Brasil no transcorrer dos tempos e contribui com a prática de ensino. Verificar-se-á que algumas teorias são utilizadas juntas com o objetivo de melhor desenvolver o processo de ensino e qual delas, mas se encaixa com uma prática contextualizadas, já que a contextualização faz parte da pratica escolar e está pratica é formada por essas teorias.

Algumas destas teorias de aprendizagem são Comportamentalista, Humanistas, Significativa e as Teorias Psicogenética: o construtivismo baseado nas ideias de Piaget (Epistemologia genética), construtivista Sócio histórica Cultural fundamentada nas ideias de Vygotsky e Walton (psicologia Genética)

2.2 TEORIA COMPORTAMENTALISTA (BEHAVIORISTA)

O percursor desta teoria foi o norte americano John B. Watson. Para esta teoria o indivíduo aprende quando recebe ofertas. A aprendizagem é através de estímulos, desconsiderando os aspectos internos que ocorrem, centrando-se no comportamento observável. O conhecimento vem através das experiências, o comportamento é estruturado indutivamente. Estímulos e resposta são o ponto de partida para a ciência do comportamento. Conforme Keller (apud MOREIRA, 1999, p. 33)

O comportamento operante "inclui todos os movimentos de um organismo dos quais se possa dizer que, em algum momento, têm um efeito sobre ou fazem algo ao mundo em redor. O comportamento opera sobre o mundo, por assim dizer, quer direta, quer indiretamente".

Com esta perspectiva surgiu o conceito de reforço referente ao comportamento. O condicionamento através do reforço positivo e negativo a pessoa terá comportamentos corretos. O reforço positivo é um estimulo devido comportamento considerado correto, exemplo recompensa. O Reforço negativo também é um estimulo para que o comportamento considerado incorreto não ocorra novamente, exemplo o famoso castigo.

O papel do professor neste processo e a responsabilidade de planejar e desenvolver o sistema de ensino aprendizagem possibilitando o controle da aprendizagem. Esta abordagem considera que o indivíduo aprende através do controle e manipulação. Na educação por volta da década de 70, a tendência tecnicista utilizou a aprendizagem comportamentalista através de uma aprendizagem por condicionamento. Pode-se resumir o Behaviorismo conforme afirmação de Furlan (2007) "No behaviorismo a aprendizagem é exibir o comportamento apropriado."

2.3. HUMANISTA

Nesta teoria a educação é centrada no estudante. O papel do professor é de facilitador da autoaprendizagem não existe relação de poder. Deve existir confiança surgindo uma relação de empatia. A capacidade de se desenvolver se torna através das necessidades internas e das necessidades que se vive ao longo da vida, associado aos desejos deste indivíduo. Seus principais teóricos foi Abraham Maslow e Carls Rogers. Maslow é considerado um dos grandes teóricos da motivação e Rogers enfatiza a liberdade do indivíduo de acordo com sua personalidade e suas experiências. O ser humano está em uma procura continua de realização. O contraponto com o behaviorismo e que na Teoria Humanista o desenvolvimento é livre e espontâneo não é condicionado e não direcionado. O indivíduo tem liberdade para se desenvolver de acordo com sua necessidade. Para Carl Rogers a aprendizagem é cognitiva, afetiva e psicomotora. A frase de Rogers (2009) resume esta teoria "Sinto-me mais feliz simplesmente por ser eu mesmo e deixar os outros serem eles mesmos"

2.4. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A aprendizagem significativa trazida por Ausubel o aluno aprende uma nova informação quando ele relaciona a informação antiga com a nova. A informação nova ancora no conhecimento preexistente tornando o conhecimento integrado. Segundo próprio Ausubel (1978, apud NADAL,2007, p.99)

A aquisição de novos significados pressupõe uma disposição para aprendizagem significativa e uma tarefa de aprendizagem potencialmente significativa (isto é uma tarefa que pode ser relacionada de modo não arbitrário e substancial aquilo que o aprendiz já conhece) parte continuum aprendizagem mecânica versus aprendizagem significativa e distinta do continuum recepção versus descoberta. O conteúdo pode ser aplicado de duas formas de aprendizagem por recepção o professor apresenta este conceito pronto e na aprendizagem por descoberta o aluno vai descobrindo fazendo a ligação entre as informações anteriores e as novas descobertas esta condição do conhecimento pode ser através das experiências dos alunos. O professor ao iniciar um conteúdo deve utilizar pontes cognitivas, conteúdos introdutores que farão a ligação entre o conteúdo novo e o conteúdo já adquirido pelo estudante. De acordo com esta teoria o professor deve ensinar através de analogias, comparações, criar hipóteses em que o aluno construa seu conhecimento, compreendendo o todo de forma significativa.

2.5. TEORIA MONTESSORIANA

Montessori defende o aprendizado através do cotidiano. Interacionista e expirada em Roussel para ela as crianças necessitam de um ambiente apropriado onde possam viver e aprender no seu tempo. Disponibiliza materiais lúdicos e de uso cotidiano, o material mais conhecido é o material dourado. O exercício principal é escolher, escolher o que estudar. A principal característica é dar autonomia a criança para que ela possa desenvolver plenamente, uma visão mais humana com as crianças. A criança é o centro da aprendizagem a função do professor não é de influenciar é de observação e quando a criança pede ajuda ele está pronto a atendê-la. Montessori divide em etapas os processos de desenvolvimento infantil a quem ela nomeia de períodos sensíveis que poder ser temporais, imperceptíveis, as vezes se sobrepõe e predispõe a criança a uma reação espontânea. As essas etapas ela chama de: Pequena infância (0 a 3 anos), grande infância (6a 12 anos) e adolescência (12 aos 18 anos). Pequena Infância: Forte sensibilidade a percepção vocal e aos movimentos segundo MONTESSORI (sd.p.10)

2.6. TEORIAS PSICOGENÉTICAS

Estas teorias são o foco deste artigo já que a partir delas a prática pedagógica contextualizada surgi com mais força, acrescentando a teoria de Montessori. O que significa psicogênese? Psicogênese é a ciência que se dedica ao estudo do desenvolvimento das funções da mente que servem ou explicam alguma informação que atue no comportamento da psicologia infantil auxiliando a resolver os problemas psicológicos gerais.

2.7. EPISTEMOLOGIA GENÉTICA

Esta teoria surgiu com o psicólogo, filósofo e biólogo Jean Piaget, um interacionista, porém por ser biólogo, Piaget considera o organismo importante para o desenvolvimento. Quanto mais a criança interagir com o meio em que ela vive mais ela se desenvolverá. Piaget acreditava que o conhecimento através do processo simultâneo de assimilação, assimila e entende as novas informações, e acomodação, organiza estas informações, possibilita o desenvolvimento físico e

Cria -se um ambiente lúdico onde a criança tem acesso a livros, revistas e estímulos para leitura e construção de textos, trabalha a criatividade e a imaginação. Nesta teoria, a contextualização estão lado a lado com a alfabetização e se torna um agente facilitador da aprendizagem.

2.8. SÓCIO HISTÓRICO CULTURAL OU SÓCIO INTERACIONISMO

Esta teoria surgiu com Vygotsky advogado e psicólogo que tinha em sua abordagem o aprendizado favorecido pelas relações sociais e culturais por isso a nomenclatura Sócio Histórico Cultural. Inspirado pelas ideias de Karl Marx ele entende que o ser humano é formado por suas relações sociais. Para Vygotsky, um autor interacionista, o desenvolvimento do indivíduo só é possível de acordo com o contexto social e histórico cultural. O Aprendizado ocorre de acordo com o contexto e por meio das relações sociais provocando o desenvolvimento. Os conceitos de funções psicológicas elementares são ações provocadas por instinto como beber e comer. As funções psicológicas superiores que ele deu maior ênfase são ações que existe a voluntariedade tomada de decisões, planejamento e imaginação. São funções que são aprendidas através das relações sociais com o outro.

O papel do professor na zona de desenvolvimento proximal é muito importante por que de acordo com pensador, o professor deve realizar intervenções pedagógicas para que o indivíduo desenvolva suas possibilidades, provocando avanços que não ocorreria espontaneamente. Observa-se que na zona de desenvolvimento potencial a pratica contextualizada de ensino está presente. De acordo com Vygotsky o indivíduo através de suas relações, interação e vivência aprende e se comunica, o indivíduo aprende e depois desenvolve. O professor terá sua prática dentro do contexto histórico e essa aprendizagem provocará avanços em seu desenvolvimento.

2.9. TEORIA FREIRIANA

Sua prática de ensino era ensinar o foco de interesse do educando utilizando a palavra geradora a partir da decodificação fonéticas destas palavras surgiam outras e ampliando o conhecimento de novas palavras. A palavra conhecida e escolhida pelo aluno é escrita e a partir daí surge o interesse e a descobertas do mundo das letras. Paulo Freire, um dos percussores do Brasil utilizando a contextualização na prática de ensino, mostrando a importância desta prática em números quando alfabetizou 300 adultos em 40 dias utilizando palavras dentro da realidade destes alunos.

O importante é esclarecer que independentemente de quais métodos serão utilizados para alfabetizar, a escola deve ter simetria com o desenvolvimento do aluno. Os estudantes passam de uma série/ano para outra sendo acompanhado pela equipe pedagógica vendo sua evolução desde da educação infantil até o terminó do ciclo de alfabetização. Para alfabetizar os professores devem ser coesos trabalhar em conjunto em prol de um ensino progressivo e com qualidade, seguir uma sequência de ensino.

2.10. O CONCEITO DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Esclarecido os métodos, pode-se explicar em poucas palavras finalmente o significado de uma aula contextualizada: Inserir o cotidiano do aluno fora da escola e sua vivencia para dentro da sala de aula.

Surge os questionamentos: Porque este contexto traz uma aprendizagem com mais qualidade de aprendizagem? O que torna o aluno de alfabetizado para alfabetizado e letrado? Qual a necessidade de uma aula contextualizada? De acordo com os autores Kato e Kawasaki (p.36)

“A necessidade da contextualização do ensino surgiu em um momento da educação formal no qual os conteúdos escolares eram apresentados de forma fragmentada e isolada, apartados de seus contextos de produção cientifica, educacional e social.”

Afirmar-se que o sujeito alfabetizado é aquele que identifica os códigos, ou seja, sabe ler e escrever já o sujeito alfabetizado e letrado é aquele que sabe como, onde e quando utilizar esses códigos em sua prática social. Portanto o sujeito letrado é aquele que aprendeu a utilizar o conhecimento de forma contextualizada abrangendo o próprio conhecimento, desenvolvendo a si próprio e ao seu redor. A alfabetização com letramento é a própria relação do educando com o conhecimento do mundo.

O sujeito letrado é aquele que identifica e interagi com o texto seja de quadrinhos, livro, jornal, charge, revista, comercial e etc. É essa interação que vira conhecimento. Utilizando a imaginação, a criatividade descobre-se um novo mundo de possibilidade de palavras e números. Posteriormente transformando o indivíduo em cidadão, justamente porque ele torna ciente dos seus deveres e direitos em sociedade. Um cidadão reflexivo porque ele aprende ao conviver e observar seus professores e colegas.

De acordo com Paulo Freire uma prática contextualizada auxilia a compreensão do aluno na aprendizagem porque o estudante passa a entender para que, por que ele está estudando aquele conteúdo e se torna agente do seu próprio conhecimento. A prática contextualizada é facilitadora à medida que o professor, conhece a realidade em que o educando está inserido e transforma isso dentro de sala de aula. O aluno compreende que ele está incluso nesta rotina de estudos, ele aprende e através disso constrói sua autonomia para novas descobertas, ou seja, o professor atinge seu maior objetivo que é ensinar.

O aluno só aprende no momento em que ele desperta o interesse pelo o que está sendo ministrado e principalmente quando ele entende que ele pode modificar sua rotina de vida positivamente após este aprendi-

zado. Segundo Martins (2002, p.36)

"O conteúdo, a teoria só adquirem significado se, vinculados à realidade existencial dos alunos, são voltados para solução dos problemas colocados pela prática social e capazes de fornecer um instrumental teórico e prático social e capazes de fornecer um instrumental teórico e prático que negue dialeticamente a prática social."

Na alfabetização, esta realidade social se torna ainda mais necessária à utilização do conhecimento prévio do aluno sendo utilizado na prática escolar torna a aprendizagem mais interessante já que quando criança ainda não tem consciência da necessidade de aprender a escrever. De acordo com Vygotsky (1998 p.99) "(...) as motivações da criança para aprender a escrever são muito fracas. A criança não sente qualquer necessidade disso e só tem uma vaga ideia da sua utilidade." Portanto, tornar esta aula interativa através do seu próprio conhecimento passa a ser necessário.

Para os adultos o processo de alfabetização vira um processo de autoconhecimento, um conhecimento da sociedade em que está inserido. Segundo Paulo Freire (p.26):

"Na etapa da alfabetização, o que se pretende não é ainda uma compreensão profunda da realidade que se está analisando, mas desenvolver aquela posição curiosa referida acima; estimular a capacidade crítica dos alfabetizados enquanto sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser conhecido. É exatamente a experiência sistemática desta relação que é importante. A relação do sujeito que procura conhecer com o objeto a ser conhecido. "

Com uma aula contextualizada, independente da aula ministrada, o estudante aprende já na alfabetização que ele é um cidadão.

O sujeito através da aula pode ser o agente transformador da sociedade em que vive se tornando um cidadão ciente dos seus deveres e direitos. O professor tem o poder de escolher se pode ministrar uma aula conteudista entre uma aula transformadora, envolvente e questionadora.

A aula contextualizada o professor é o mediador entre o conhecimento e o aluno formando um cidadão reflexivo. O educando aprende de forma diferenciada a razão do seu estudo e principalmente entende o que fazer com este conhecimento.

2.11. EXEMPLOS DE PRÁTICAS CONTEXTUALIZADAS

Visto que o letramento não pode ser separado da alfabetização porque deve ser associado a escrita e a sua utilização na vida as práticas contextualizadas tornam-se fundamental para compreensão. Na alfabetização temos que continuar a ler histórias para os alunos, eles precisam imaginar e querer passar para o papel o

fruto da sua imaginação, a prática contextualizada aparece no momento em que o livro escolhido e de acordo com os desejos e situações vividas pelo estudante. Exemplo: Um livro sobre um menino que gosta de dançar, sobre uma menina que gosta de jogar futebol. Observa-se crianças com acesso à cultura (teatro, museus), livros paradidáticos, músicas e informação (jornais televisivos e revistas) adquirem maior vocabulário, ampliando seu conhecimento social e desenvolvendo com maior facilidade e agilidade sua aprendizagem.

O professor deve encontrar textos, histórias, curiosidades e reportagens e acordo com o interesse do educando. Exemplo: Uma reportagem sobre futebol, uma resenha sobre o filme – animação da época, um quadrinho da turma da Mônica ou desenho da Marvel. O mestre deve teatralizar dento da sala de aula: Fazer compras ao mercado, a feira, a ida ao cinema, ao shopping, ou seja, investigar qual o interesse da turma e encenar isso em sala.

Tornar a pratica da sala de aula mais interativa e participativa e fazer o aluno entender seu papel na sociedade oral e escrita. Ler texto aos alunos e fazer ele ler através das imagens de livros com textos é uma prática de letramento que tipo de texto escolher é a contextualização. Tornar a sala de aula um ambiente com letras, frases e números, mostrar como no nosso dia a dia, utilizamos as letras e números e nem notamos, isso é contextualização. Segundo Magda Soares: "A apropriação da linguagem não deve ser descontextualizada a ao planejarmos as ações pedagógicas para que as situações de aprendizagem sejam significativas e contextualizadas." A grande vantagem de uma aula contextualizada é o interesse do aluno dentro do processo de aprendizagem, tornando esta aprendizagem mais completa trazendo conhecimento do mundo para o educando;

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentado teve como tema Importância de uma pratica contextualizada na alfabetização tendo como base os métodos, concepções e teorias de aprendizagem que auxiliam para uma prática de ensino qualitativa. Através das teorias da aprendizagem foi demonstrado que a prática pedagógica pode estimular ou desestimular o educando dependendo de como ela é exercida. Exemplificando: Na teoria de Montessori trazer objetos do dia a dia para dentro da sala de aula faz com que o estudante des-

cubra de forma concreta a relação estudo e mundo. Na teoria de Vygotsky descobrimos que a contextualização dar significado a aprendizagem.

Com os métodos de alfabetização independentemente de quais escolher, atenção que foi dito quais, porque pode e deve ser utilizado métodos mistos para dar conhecimento ao aluno, a aprendizagem se torna significativa porque atribui sentido. Após estes estudos de teorias e concepções foi demonstrado que o estimulo e a motivação que o professor proporciona através da prática contextualizada melhora o

desenvolvimento do aprendiz, responder os porquês das crianças através da contextualização torna a aula interessante. Com as concepções de aprendizagem identificou que a prática pedagógica sendo utilizada a vivência e experiência do aluno o rendimento escolar só melhora. Nesta pesquisa demonstra-se que o indivíduo letrado e aquele que lê além do que está escrito, porque a interpretação é fundamentada no contexto social em que o indivíduo está inserido

A utilização dos conceitos de alfabetização e letramento é atual e necessária, são conceitos diferenciados, principalmente, com o surgimento da linguagem digital, o indivíduo escreve e lê -alfabetização – mas nem sempre interpretam o que está subentendido ou as linguagens subliminares - letramento.

Conclui-se que a grande vantagem de uma aula contextualizada é o interesse do aluno dentro do processo de aprendizagem, tornando esta aprendizagem mais completa e significativa porque traz conhecimento do mundo para o educando transformando em um indivíduo letrado. É uma prática que pode ser utilizada em qualquer meio social, diminuindo a dicotomia socioeconômica, provocando uma melhora no processo de ensino da alfabetização com intuito de diminuir o índice - iletramento - analfabetismo no Brasil.

REFERENCIAS

FERRARO (FERRARI), A. R. Analfabetismo no Brasil: tendência secular e avanços recentes; resultados preliminares. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.

52, p. 35-49, fev. 1985.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. A psicogênese da língua escrita. Ed.2.

Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1990.

FERREIRO, Emília. Alfabetização e cultura escrita. Revista Nova Escola, São Paulo, n. 27, p. 27-30, maio 2003.

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.

23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a pratica educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 54 p.

KATO, D. S; KAWASAKI, C. S. As concepções de contextualização do ensino em documentos curriculares oficiais e de professores de ciências. Ciência & Educação, v. 17, n. 1, p. 35-50, 2011.

MONTESSORI, Maria. Mente absorvente. Rio de Janeiro, Portugália Editora (Brasil), s.d.

MÁRTINS, Pura Lucia Oliver. Didática Teórica Didática Prática: para além do confronto. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Educação e Letramento. São Paulo: UNESP, 2004.

NADAL, Beatriz Gomes et al. Práticas pedagógicas nos anos iniciais: Concepção e Ação. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

OLIVEIRA, Julia et al. Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SOARES, Magda. Alfabetização: A Questão dos Métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovich (Ed.). Pensamento e Linguagem. 2. ed. São Paulo:

Martins Fontes, 1998. Ed. Ridendo Castigat Mores.